

RESENHA



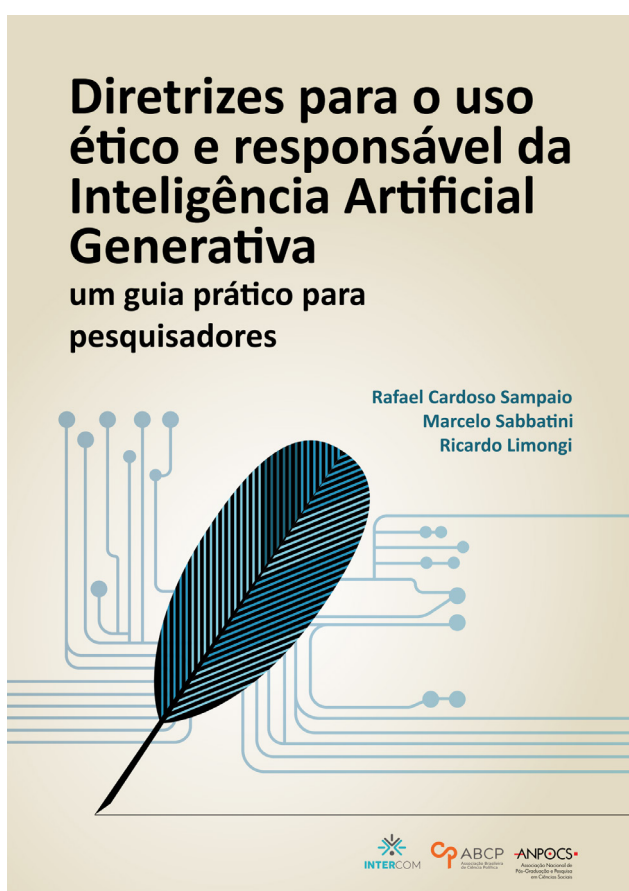
10.1590/1809-58442025115pt



Open access

Inteligência Artificial no trabalho acadêmico: usar ou não usar?

Compreensões sobre limitações e potências

*Artificial Intelligence in Academic Work: To Use or Not to Use? Understandings of Limitations and Potentials**Inteligencia Artificial en el trabajo académico: ¿usar o no usar? Comprensiones sobre limitaciones y potencialidades***Bruna Silveira de Oliveira**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, MG - Brasil
contato: bsilveira9@gmail.com

SAMPAIO, R.C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. [Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa](#): um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Editora Intercom, 2024 (livro eletrônico).

RESUMO

O livro *Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa* (2024), aborda os impactos da IAG no contexto acadêmico, propondo diretrizes para seu uso ético e crítico. A obra divide-se em duas partes: “Princípios gerais”, que discutem aspectos como autoria, transparência, plágio, direitos autorais e letramento digital; e “Princípios práticos”, voltada ao uso das ferramentas na rotina científica. O texto alerta para riscos como mitificação da IA, tecnosolucionismo e colonialismo de dados, destacando a importância do trabalho humano no processo acadêmico (“human in the loop”). Os autores defendem a construção de diretrizes nacionais para a soberania tecnológica brasileira e a inclusão da declaração de uso da IAG nos trabalhos. Apesar das precauções, reconhecem seu potencial de inovação e democratização da pesquisa. O livro enfatiza que o uso consciente da IA pode enriquecer a produção científica de forma ética e responsável.

PALAVRAS-CHAVE

Diretrizes éticas; Inteligência artificial; inovações tecnológicas.

CreDIT:

- A autora certifica que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- A autora foi responsável por todas as etapas de elaboração da resenha.
- Todos os dados necessários estão no corpo do documento.

Editor da Seção:

Dr. Jorge C. Felz Ferreira

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Recebido em: 21/05/2025

Aprovado em: 02/07/2025

Disponível em: 30/07/2025

Esta resenha é publicada em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC- BY). A autora retém todos os direitos autorais, transferindo para a Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação o direito de realizar a publicação original e mantê-la sempre atualizada.



A assistência da inteligência artificial em trabalhos acadêmicos já é uma realidade. E é a partir dessa concepção que o livro **“Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa: um guia prático para pesquisadores”**, escrito por Sampaio, Sabbatini e Limongi, e publicado pela Editora Intercom se estrutura.

A obra julga necessária a compreensão do funcionamento da inteligência artificial generativa (IAG), por parte dos acadêmicos, para dar viabilidade a análises críticas, bem como ao seu uso efetivo, ético e transparente. Com base em experiências recentes de pesquisadores e em discussões já travadas sobre a relação entre tal tecnologia e a academia, o guia aponta os efeitos da IAG na pesquisa e pretende ser um pontapé inicial para se pensar diretrizes sobre o tema. Ainda, sugere recomendações sobre formas práticas de se utilizar as ferramentas, sem perder de vista as precauções necessárias. O foco do guia é nas tecnologias que não demandam conhecimentos de linguagem de programação.

Merece destaque o trabalho de extensa revisão de literatura para a construção da obra, e, da mesma maneira, o rigor na explicitação dos cuidados, limitações e questões éticas do uso de IAG no fazer científico. Como alegam os autores, pode parecer que o propósito geral do livro é discorrer mais sobre restrições dessa tecnologia do que recomendações, entretanto, eles também afirmam que, ao apresentarem as adversidades, engajam a utilização mais consciente das ferramentas, principalmente para novos pesquisadores ou para aqueles que não são especialistas na área.

O livro se divide em duas partes principais. Na parte 1, “Princípios gerais”, a ênfase se dá em diretrizes pautadas no uso crítico e responsável das IAG, passando por questões como compreensão das ferramentas, autoria e agência humana, transparência, integridade, plágio e direitos autorais, uso eticamente orientado e, por fim, a importância do letramento de pesquisadores em inteligência artificial (IA). A parte 2, “Princípios práticos”, atua como um manual sobre as possibilidades de uso das ferramentas, a fim de facilitar a rotina do trabalho acadêmico, porém, nessa seção, os autores também alertam para os cuidados necessários.

Ainda, após as considerações finais da obra, a seção “Palavras finais: além do hype, em busca do uso soberano de IA Generativa pelo Brasil” discute alguns mitos alusivos à temática. Além disso, o guia também traz apêndices úteis, com informações sobre ferramentas, repositórios e dicas para prompts, entre outras recomendações.

Nesta resenha, considero válido destacar algumas abordagens discutidas pela obra, são elas: i) as controvérsias sobre a visão mitológica da IA; ii) os vieses ocidentalizados da IA; iii) a inevitabilidade do trabalho humano in the loop; iv) a necessidade do letramento de pesquisadores; v) a questão da soberania nacional; vi) a exposição da declaração do uso de IAG nos trabalhos; e vii) os benefícios e o potencial de inovação da IA na produção científica.

Primeiramente, omitir-se das limitações da IA, por meio de uma perspectiva mitológica, incide no risco de elegê-la como solucionadora de todos os problemas da contemporaneidade, seja na pesquisa ou em áreas mercadológicas. A obra alega, desde o prefácio, escrito por Ricardo Mendonça, a suscetibilidade da IA a alucinações e vieses. Por isso, a desconstrução do entusiasmo exagerado em torno das IAG deve desmitificar as seguintes premissas citadas no guia: a de que a automatização de tarefas geraria mais tempo para pesquisadores, a crença no “tecnosolucionismo”, que prevê que os obstáculos tecnológicos requerem mais modelos (também tecnológicos) para solucioná-los, e a premissa de que os avanços da IA são exclusivamente positivos para o sul global. Essa ideia nos leva ao segundo ponto de destaque, relacionado ao fato de os Grandes Modelos de Linguagem, ou chamados LLM, serem criações de Big Techs localizadas em países desenvolvidos, em especial, no Vale do Silício (Estados Unidos). Sendo assim, tais modelos privilegiam visões de mundo hegemônicas ocidentais, negligenciando grupos marginalizados e estimulando as lógicas do “colonialismo de dados”.

Em terceiro lugar, evidencio o conceito de human in the loop, relativo à necessidade do trabalho humano em todo o processo teórico-metodológico do exercício acadêmico. Ainda, o letramento dos pesquisadores – quarta abordagem realçada aqui – como bem explicitado no guia, além de garantir com mais eficiência o protagonismo humano no desenvolvimento científico, também assegura o uso crítico das ferramentas. Entretanto, ressalto que certas limitações citadas na obra, que culpabilizam estritamente os LLM, também podem ocorrer no trabalho humano, como, por exemplo, a inconsistência nos resultados, isto é, mesmas análises que produzem diferentes conclusões. Por isso, destaco a importância da aplicação de testes de confiabilidade tanto em trabalhos entre humanos quanto em trabalhos humano-máquina.

A quinta abordagem, referente à soberania nacional, indica a impossibilidade da construção de protocolos para uma IA nacional, respeitosa à pesquisa científica brasileira. E isso só seria possível, segundo os autores, com a criação de diretrizes institucionais para o uso da IA. Em sexto lugar, o guia traz como dica a inclusão de uma declaração, ao fim dos manuscritos acadêmicos, sobre a assistência da IAG para a realização do trabalho. A obra expõe, inclusive, a partir de tal declaração, que foi assessorada por diversas ferramentas para seu desenvolvimento.

Por fim, apesar da quantidade de restrições apontadas na obra em relação ao uso da IA na pesquisa acadêmica, não podemos negligenciar suas potências. A democratização do acesso, com ferramentas simples como o ChatGPT, Copilot, Claude, entre outros, permite a dinamização do trabalho de diversos pesquisadores. Assim, o panorama ideal do fazer científico não se pauta na proibição do uso das tecnologias, mas sim na análise crítica para a construção do conhecimento aberto, seguro, ético e democrático.

Referências

SAMPAIO, R.C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa: um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Editora Intercom, 2024.